

Conto

# Rotas Tortuosas



Bosque da Sabedoria

# *Rotas Tortuosas*



## Bosque da Sabedoria

Yuri Costa Valle

# Rotas Tortuosas

“Se alguém nasce acorrentado em uma caverna é preciso acreditar que o mundo lá fora é um lugar muito maior, que deve haver muito mais vida do lado de fora para ver do que há em sua limitação presente. Estou navegando rumo a um novo mundo, mas algo misteriosamente está me fazendo recordar do passado...”

Um som de batida na porta interrompe o fluxo de pensamento anunciando que alguém deseja entrar...

– Entre! – diz o capitão da embarcação, com tom imponente e ligeiramente amedrontador.

Um tribulante da embarcação abre a porta e entra, junto com ele a luz que afugenta um pouco das sombras habitando o ambiente.

– Capitão, a ilha foi avistada...

A cabine do capitão é uma sala bastante ampla na dimensão de largura, bastante limpa e organizada para um navio pirata. Estantes de livros se encontram por de trás da mesa onde o capitão encontra-se debruçado sobre mapas estendidos ao lado de alguns livros abertos. Estava estudando-os. Uma pequena cama com um colchão arrumado está

localizada no ponto de encontro da parede esquerda com a parede da porta de entrada, há alguns utensílios antigos de navegações e armas penduradas ao longo das outras paredes de madeira: bússolas, lemes de navio, carabinas e revólveres antigos, adagas, etc; uma conjuntura visando formar um recinto inspirador que representa uma certa identidade. Há duas janelas laterais que se encontram semiabertas...

É um desses dias em que reina um céu azul bem claro e ensolarado com algumas poucas nuvens brancas rechonchudas como algodão do lado de fora. O capitão Rufford ergue seu tronco, acena afirmativamente para seu subordinado apenas com o olhar. Corrige sua postura, enquanto ele se retira. Sozinho novamente em seu camarote, respira profundamente para encarar a luz forte do dia e dar instruções para sua tripulação.

Ele abre a porta, a luz forte atinge diretamente sua face com fulgor e intensidade fazendo com que sua vista ficasse ofuscada por um tempo... Embora fosse um homem capaz de fazer roubos e pilhagens – a vida que o forçara a isso pela sobrevivência e liberdade –, a sanguinolência não fazia muito sentido para ele, não queria que ela ocupasse um papel central em sua vida. Gostava mais de trabalhos relacionados com o tráfico clandestino de mercadorias e suas ocupações preferidas eram o estudo de cartografia e de navegação, bem como a investigação sistemática de lendas e a caças de tesouros perdidos.

A tripulação não era muito numerosa. No convés havia aproximadamente uns seis homens ocupados com os afazeres da caravela leve, veloz e armada até os dentes. Seu peso era bem calculado, em sua maior parte lotado com balas de canhão e armas incendiárias. Avaria e fuga era a principal estratégia utilizada para o caso de abordagem pelos cães oficiais. Havia um canhoneiro bastante hábil na tripulação que disparava um canhão de popa como ninguém naqueles mares.

Naquele momento um ar de tranquilidade e gratificação pelos esforços de navegação bem-sucedidos pairava no convés. Rufford leva um tempo parado no castelo da popa imponente e em silêncio, esperando que talvez seus homens voltem a atenção espontaneamente para ele. Algumas gaivotas cruzam o céu acima da embarcação quebrando o silêncio com seu piado estridente:

– Seus molengas, prestem atenção!

Aqueles homens voltam sua atenção para quem que pronunciou estas palavras.

– Chegamos em nosso destino, se preparam para o desembarque. Levarei comigo apenas poucos marinheiros. Vão chamar logo o “número um” para assumir o comando enquanto eu estiver fora!

Dito isto, houve imediatamente uma mudança de comportamento do grupo. O capitão parte, então, para o porão do navio. Diante de um quarto, bate na porta e aguarda um instante para entrar. Um homem encontra-se estirado numa cama encostada na parede observando o teto, soturnamente pensativo. Ao perceber a chegada do visitante em seu aposento, se levanta tranquilamente como se estivesse se despindo da tensão em que estava se deliciando até o momento como se fosse poeira acumulada em suas vestes e, com um pequeno sorriso, cumprimenta seu capitão. Seu semblante se assemelhava a um dia nublado e angustiante.

– Vamos, está na hora. – Anuncia Rufford, grosseiramente.

Os dois são amigos de longa data. Drake é um homem com um gosto fora do comum para o perigo, decidiu dar um tempo do continente porque sua vida de ladino o fizera ganhar uma reputação que perturbava seus negócios e momentos de sossego com perseguidores. No mar reencontraria a liberdade e também ganharia a oportunidade de conhecer novas terras. Andava meio incomodado com o fato de se tornar uma pessoa desenraizada, mas refletindo sobre toda sua vida, acabara de concluir que não havia muitos motivos para ser deste modo. Tudo indica que ele e Rufford se entenderão bem neste ramo de negócio. Ao contrário dos outros piratas que gostavam de bandeiras e da fama dos grandes assaltos, a discricção era muito mais valorizada pelos dois. Não que o estilo de Rufford de comandar o destino de sua embarcação não fosse ousado, era mais do que isso: era também racional e calculava estrategicamente os riscos. Não era um destes piratas impulsivos e temerários.

Drake apanha suas armas: uma espada de visível qualidade de uma cultura exótica com lindos adornos na empunhadura – raro e valioso fruto de um de seus furtos silenciosos e escapadas brilhantes – e dois

revolvéres já carregados que coloca nos coldres frontais do seu colete. Logo em seguida, os dois se colocam em movimento. Drake é conduzido como novato pelo seu amigo mais experiente que demonstra segurança e confiabilidade em seus talentos e inteligência aguçados. Durante o percurso, Rufford inicia uma conversaço:

– Muito bem meu amigo, vamos finalmente testar seu valor como pirata. Acredito que você seja o homem perfeito para este trabalho.

– Sinto que vou me adequar bem a esta nova vida, tenho quase plena certeza disso.

– Esta é uma notícia boa de se ouvir...

No percurso encontraram um marinheiro já ocupado com os preparativos para a aterragem:

– Roberto, você vem comigo, chame seu irmão e mande alguém tomar seu lugar, depois vá preparar o barco para a abordagem em terra.

– Pode deixar, capitão.

Roberto sai apressado em busca do seu irmão. Rufford buscava ser respeitado e admirado pela sua tripulação, ele se preocupava em escolher bem seus subordinados, e em conquistar sua confiança. Sabia que isto era um fator determinante para ser bem-sucedido em sua profissão. Um estrategista nato: analisava todos os aspectos e possibilidades, podava excessos, calculava os riscos, cobria seus pontos fracos, não se precipitava em avaliar a situação...

Os dois sobem ao convés e se dirigem a sala do capitão, onde Rufford pega sua cimitarra, um revólver e, em seguida, uma bolsa que já havia deixado preparada para a ocasião. Se dirigem então para o encontro dos dois irmãos que o aguardam na lateral do navio, próximo ao pequeno barco ainda suspenso por cordas com o qual se aproximarão da terra.

– Estamos pronto para partir, capitão. – Roberto fala entusiasmado.

– Vamos então, homem!

Os dois começam a liberar lentamente as cordas que suspendem o

barco até este tocar o mar abaixo, logo em seguida todos desceram por uma corda e tomaram seus lugares. Os dois irmãos então começaram a remar em direção à terra.

Deixaram para trás a caravela sozinha no oceano, não havia nenhuma outra embarcação à vista. O espaço que separava a terra do navio estava preenchido por uma vivida melancolia. Depois de dias de viagem, finalmente, chegou o momento de deixá-la em direção às terras desconhecidas. Aqueles homens já estavam familiarizados com o mar que vinha se mostrando bem afável até então; apesar de sua permanente insondável, translúcida, ao mesmo tempo obscura, e misteriosa profundidade. Drake, para quem tudo ainda era novidade, mau estava prestando atenção aos humores habituais dos outros, sentia-se eufórico com os momentos inusitados de aventura que o esperava.

À frente, se encontrava a pequena porção de terra verde repleta de árvores atravessada por um monte irregular e alto, cujo pico ocupava o centro e ia se espreguiçando até a margem direita da ilha, todos sentiam apreensão pelo momento da chegada. Pouco foi revelado sobre o motivo que os levaram até ali. A extensão de água que havia até ela era colorida de um verde claro alegrado pela luz do sol da manhã que refletia obliquamente na superfície e atingia seus olhos. Nada de extraordinário naquele cenário paradisíaco. Mas haviam certos boatos que deixavam os homens do navio com uma pulga atrás de orelha. Phillip, irmão de Roberto, rompe timidamente o silêncio que havia se instaurado no pequeno barco:

– Capitão, dizem que o tesouro foi escondido em um lugar amaldiçoado...

– No máximo deve-se tratar de uma simples caverna habitada por algum animal selvagem como um urso ou lobo. – Respondeu secamente Rufford sem dar muita chance de ser retrucado.

O silêncio voltou a reinar novamente até que a vista pudesse alcançar a espuma branca se movendo na costa... O movimento das ondas se chocando contra a praia fez com que memórias antigas de quando era criança, das quais mal se recordava, se chocassem contra o espírito de Rufford causando certa confusão. “Minha irmã está morta!”, foi a frase que quase pronunciou segurando a dor e a amargura que queriam vir a tona



para ocupar aquele silêncio que clamava ser preenchido. Desta vez foi Roberto quem falou:

– O perigo é real, capitão! Dizem os relatos que as pessoas que entram na caverna sofrem decaimento de suas forças até o ponto de ficarem sem consciência, desfalecem e morrem ali mesmo no lugar de sua fúnebre opressão. Algumas pessoas que conseguiram retornar após terem adentrado alguns poucos metros relataram delírios confusos e ficaram com sérios traumas emocionais alegando estarem sendo constantemente perseguidas pelos mortos ou algo do tipo...

– Interessante! – Interrompeu Drake comicamente demonstrando seu desprezo pelo perigo...

Rufford, estressado e assumindo um tom autoritário, explica:

– Um dos povos antigos que habitava a ilha costumava fazer rituais e cerimônias religiosas envolvendo sacrifícios humanos na caverna encontrada à certa altura daquela montanha. As vítimas costumavam ser os pobrezinhos coitados – havia um nítido tom de frieza e sarcasmo na sua voz – ocupantes da parte sul da ilha que eram sequestrados. Os malvados foram instintos por uma praga que assolou sua população, restando apenas o outro povo. O célebre capitão Ténèbres, um dos piratas mais perversos e irônicos que a história tem conhecimento, decidiu esconder seu tesouro justamente nesta caverna. O maldito teve seu fim merecido, foi denunciado por um traidor enquanto se encontrava em um bordel festejando com um grupo de cortesãs e alguns de seus marujos. O traidor conseguiu evitar a prisão com um acordo, mas ele foi sentenciado e enforcado em praça pública.

Mudando para um tom ríspido, continuou:

– Não costumo levar muito a sério superstições, acredito apenas no que vejo. O tesouro será nosso, não há nada que vá impedir isso! Se estão com medo não precisam acompanhar até o fim!

A irritação do capitão selou a conversa e restaurou a dignidade do



silêncio. Os dois irmãos ficaram com medo de insistir ainda mais, ficando satisfeito com a resposta que obtiveram, fora o fato da aproximação do ponto de rebentação das ondas...

Ao alcançarem a praia, avistaram logo uma pessoa aguardando abaixo de um coqueiro na margem da floresta mais adiante. Assim que tocaram a terra, o capitão fez um sinal de cumprimento, e aquela sombra distante começou a se dirigir até eles. Ao chegar próximo, revelou se tratar de um homem delicado, de estatura mediana, mas bem cuidado e vestido. Usava óculos que enfatizavam bem sua intelectualidade, ressaltando também a disparidade com o local onde se encontrava.

– Muito bem senhores, como estão? Não vamos perder nosso tempo nesse sol quase escaldante, podem me seguir, vou conduzi-los ao vilarejo próximo.

– Parece que as coisas estão em ordem, Leopold...

Aquele homem soturno respondeu com um silêncio retórico conjuntamente a um aceno de cabeça. A segurança no seu próprio conhecimento era notável em suas próprias maneiras. Então todos começaram a segui-lo espontaneamente. Suas primeiras palavras ao serem pronunciadas revelou, sem a menor hesitação, seu caráter penetrante e afiado de investigador estudioso. Trata-se de um roedor de livros, possuidor de conhecimentos obscuros e pouco profundos que deixou bastante claro ter o completo domínio da situação.

Ao deixarem a praia, passaram a caminhar por uma trilha numa mata rasteira e rala rodeada por coqueiros distribuídos aleatoriamente pela passagem. Era um verdadeiro paraíso próximo aos trópicos temperados do norte. Não caminharam por muito tempo, não mais de 5 minutos, e chegaram a um pequeno vilarejo de casas simples de madeira com tetos de palha. Leopold os deixou em um quiosque e disse que iria buscar um guia de confiança para condução no local. Ao observá-lo se afastando, Drake, curioso, perguntou:

– Quem é esse?!

– É o chefe da rede de informações em terra que dá amparo a nossas operações em mar. – Rufford respondeu de modo sério e um pouco severo como de quem não gostaria de responder muitas perguntas deste

tipo.

– Incrível!

A empolgação infantil de Drake amoleceu o humor carrancudo de Rufford:

– Ele fez questão de vir pessoalmente nesta missão, disse que tinha interesse pessoal no caso.

Enquanto isto, os outros dois pediam algum petisco para comer. Não demorou muito, Leopold volta acompanhado de um nativo da ilha. Os outros quatro ficaram observando sem muita animação enquanto eles se aproximavam do grupo. O nativo estava portando algumas armas, entre elas uma lança longa que carregava apoiada no ombro e uma grande faca artesanal da sua cultura numa bainha presa na cintura, trajava roupas leves e adequadas para a selva que facilitavam a movimentação, tinha um ar hospitaleiro e destemido. Assim que se aproximou, fez os cumprimentos adequados:

– Bom dia, meus amigos! Estou à disposição para guiá-los pela ilha.

O capitão então o cumprimenta com um aperto de mão que é calorosamente retribuído, e sem muita delongas fala:

– Vamos direto ao ponto.,,

– O nosso destino não é muito longe daqui, não mais de duas horas de caminhada pela mata em direção ao coração da ilha. Recomendaria cautela, mas vejo que os senhores já estão preparados para a ocasião.

O guia começou então a se mover, passaram a se dirigir à parte noroeste do vilarejo, atravessando suas vielas por entre algumas casas onde algumas pessoas estavam ocupadas com seus afazeres diários sem dar muita atenção para os visitantes. Os seus habitantes estavam acostumados com esse tipo de situação, pois a ilha fazia parte das rotas de comércio dos grandes centros manufatureiros. Era a parada de muitos navegantes. Rufford já dispunha de informações prévias e gerais sobre a geografia, economia e costumes dos habitantes da ilha, mas não estava

tranquilo como de costume, seu humor estava excepcionalmente melancólico e irritadiço, ele já havia percebido que algo inusitado o estava afetando de modo incomum.

Chegaram à fronteira limítrofe do vilarejo, caminhavam sobre um pequeno descampado ao se depararem com uma parede de vasta e densa vegetação que se estendia até onde a visão não conseguiam mais penetrar. Era possível encontrar Bananeiras, Tulipeiras, Paineiras, Aroeiras, entre outras espécies, em um emaranhado tão confuso e pingado de um colorido de flores e frutos, em meio às mais variadas tonalidades de verde, que pareciam estar em uma disputa pela luz calorosa do sol o dia inteiro. A trilha por onde seguiam era afilada e quase desvanecia no solo coberto por galhos, folhas secas caídas e frutos em decomposição. Era longa e sinuosa como uma serpente... O grupo quase foi emboscado por uma que se encontrava escondida entre as folhagens da beirada, senão fosse o guia forçando a parada e afugentado o bicho. Os troncos das árvores formavam verdadeiros pivôs de um labirinto fluído, circundante e infundável, de difícil locomoção. Alguns eram retorcidos e dificultavam ainda mais a passagem...

Em um ponto do percurso, o caminho começou a ficar ingrime, as árvores ficando para trás, enquanto a vista foi ficando obstruída por um mato espigado, alto e lancinante, haviam trilhas escondidas que traziam ainda mais confusão para os visitantes. Aquilo tudo parecia um segundo tipo de labirinto. Transpor diretamente o mato seria insuportável, a subida deveria ser árdua, lenta e redundante, pois o percurso subia contornando a montanha. Acima o céu já se oferecia para contemplação desimpedidamente. Uma certa paz celestial começou a descender sobre eles durante a subida substituindo o estado de opressão anterior...

Finalmente, depois de longas voltas e paradas para descansar, passaram por um umbral cujas paredes laterais eram formadas pela própria folhagem alta do mato: lá se encontrava ela, de boca aberta. Entre o abismado grupo e a caverna, havia um descampado com uma fogueira formada por pedras bem no centro. O lugar aparentava ser desoladamente pacífico, mas haviam, pelo menos, deixado algum sinal consolador de que outras pessoas também visitavam aquelas paragens. Ficaram diante dela, contemplativos...

– Capitão! Há algo de interessante com esta caverna, realmente...

Estou sentindo calafrios, como se um relâmpago percorresse meu corpo. Os pelos do meu braço ficaram até arrepiados. – Drake falava com empolgação enquanto parecia saborear o perigo. – Estamos diante de algo um pouco fora do comum...

Um pouco de ansiedade escapou de suas palavras finais, se tornando perceptível. Não era medo, pois este também se mostrava contido seguramente em seu casulo de coragem. A sua perceptível ansiedade era proveniente da adrenalina precisando ser descarregada. Drake era de um tipo de pessoa que não cedia ao terror, e naquele momento estava envolto em um semblante sombrio. Os outros estavam paralisados com medo. Era como se houvessem caminhado pelo dorso do monstro e se depararam com sua garganta aberta esperando sagazmente pelo seu alimento entrar por conta própria... Já estavam se sentindo contrariados, duvidando da sensatez daquele empreendimento.

– Nós dois vamos assim mesmo. – Respondeu o capitão. – Os outros fiquem aqui fora de vigília. Leopold, não dispense o guia! – Ordenou. Seu medo era perceptível, mas sua coragem se mostrava inabalável.

Não era apenas o tesouro que Rufford estava em busca. Havia algo mais que o atraía para este caso. Embora ele não conseguisse determinar precisamente qual era sua total natureza, já tinha tomada vagamente ciência de uma pequena nota: era algo relacionado com seu passado. Os dois então se movimentaram adiante. A impressão que os outros observadores tinham era de dois homens destemidamente caminhando em direção ao estômago de um monstro para serem devorados por vontade própria. Mas que, ainda assim, transmitiam uma certa segurança de si pelo modo de caminhar sem hesitação. “Onde está o juízo daqueles homens?!”, provavelmente se perguntavam em suas expressões atônitas.

Sempre haverá algo bem no íntimo do nosso ser que não queremos sentir ou dar reconhecimento, escondido em nossas sombras como demônios do pânico que nos assaltam quando menos esperamos. Rufford estava se vendo no passado, com sua irmã mais velha, os dois eram pequenos criados de uma família que compunha uma dinastia de nobres. Viviam entre os escravos de um palácio, ajudando com os

pequenos serviços domésticos. Sua irmã era a última barreira contra o desamparo e um reconforto para a rudeza e indiferença de tratamento que dispensavam a ele. Ele estava, por certo, delirando. Um fluxo de memórias felizes e inocentes perpassavam vividamente sua existência como os dias em que ficava deitado no colo da sua irmã debaixo de uma macieira, ou os momentos em que os dois se divertiam com os diversos animais de estimação do rico e enorme jardim do palácio que eram incumbidos de alimentar, dentre outros momentos semelhantes... Até que, em uma mudança drástica de sentimento, que foi da doce e serena felicidade para o pânico e precipitação de um incêndio, viu a memória da sua irmã ser arrancada da sua existência por uma sombra monstruosa e aterrorizante. Neste momento, encontrava-se sozinho no meio de uma casa em chamas com pessoas correndo desesperadamente para todos os lados, então uma figura adulta de um homem de expressão terrível o arrastou pela mão para fora dizendo que sua irmã havia morrido e que precisava deixar aquele local. Então, alguns momentos de sua vida como aprendiz de pirata começaram a ser recordado em flashes, mostravam os momentos de trabalho forçado no navio, as lições que aprendia daquele homem temível através de severas reprimendas, o desamparo na obscuridade daquela realidade de barbáries que presenciava e teve de fazer parte. Sentiu, como se fosse pela primeira vez, a raiva surgindo e se tornando cada vez mais forte devido a falta que sentia de sua irmã e ao fato de que deveria conter o choro e esconder os sentimentos de tristeza e desolação para não ser atingido pela sentença de que “sua irmã está morta” como um soco na cara. Naquele momento, o fato de que teve de convencer-se forçadamente a esquecer a sua irmã foi conscientizado em um conceito claro, como um horizonte que se estende diante de si! A lucidez havia começado a retornar em sua mente.

Foi então que uma vontade de ser livre inflamou e ascendeu em seu espírito novamente, uma vontade quase esquecida que havia sido ninada pelo céu azul ondulante dos dias de comando do próprio destino. Veio então a última memória de seus devaneios: o dia em que se rebelou. O dia em que executou seu plano de roubar o tesouro, atear fogo naquele antro de feras atroz e fugir para bem longe. A vida de pirata era a única que aprendeu, mesmo assim tinha nela a liberdade que lhe foi negada por tanto tempo.

Neste instante, foi se dando conta gradualmente que aquelas

experiências não correspondiam a efetividade atual em que se encontrava anteriormente, foi recuperando lentamente a consciência em uma grande tormenta de confusão mental. Aquela verdade estava fixamente presente em sua mente, agora havia uma nova determinação em seu espírito dizendo que precisava viver para reencontrar sua irmã. Foi então que abriu seus olhos...

Estava caído, desfalecido no chão da caverna. Na iluminação tênue de seu lampião largado no chão, conseguiu visualizar Drake encima de uma grande rocha cercado por 3 criaturas grotescas parecendo lobos, afugentando-os com a espada em uma mão e uma tocha na outra. Eram algo fora do comum: aberrações de músculos hipertrofiados e presas que saltavam da boca, tinham quase o dobro de tamanho de um lobo normal. Sem raciocinar muito, no limite das forças que conseguiu angariar, ficando com um joelho no chão e a outra perna semi estendida à frente, encontrou uma posição estável o suficiente para sacar sua pistola e disparar no mais próximo e fácil de alvejar, que caiu e começou a grunhir e se debater no chão. Os outros partiram em sua direção. Drake, aproveitando o momento de distração, saltou sobre o mais próximo com sua espada em riste e o cortou em dois, bem na região localizada entre as pernas traseira e as costelas torácicas com um belo movimento descendente e circular. O último teve tempo de saltar e abocanhar o braço de Rufford que o usou para proteger seu rosto evitando o pior. Seguiu-se um disparo. Rufford sentiu a pressão, que estava quase estraçalhando seu braço, enfraquecer e viu a besta capotar de lado. Drake verificou se todos os monstros estavam realmente fora de combate, finalizou os que ainda representavam alguma ameaça ficando neles a ponta da sua espada com um certo deleite sanguinário de vencedor. Depois foi ajudar Rufford que ainda estava um pouco aturdido.

A caverna era um amplo espaço no ventre da montanha, cujos limites não era possível prescrutar devido à insuficiência de iluminação. Os dois se reagruparam, já estavam sem munição, Drake havia abatido o primeiro monstro com um disparo de sua outra arma no momento em que Rufford começou a perder a consciência devido à contemplação do abominável. Ele, então, dirigiu-se até Rufford e perguntou:

- Você está bem?
- Posso continuar. Vamos seguir em frente. Acredito que não

teremos mais contratempos deste tipo novamente. – Respondeu enquanto rasgava um tecido para enfaixar seu braço sangrando.

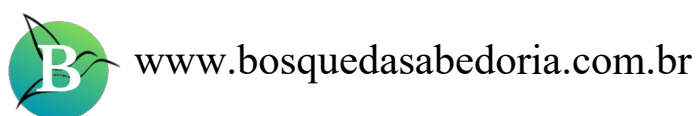
– Tudo bem. – Disse Drake já perdendo a euforia.

Caminharam adiante, era possível ver alguns corpos abatidos na radiação da iluminação, estavam em decomposição: alguns pedaços arrancados pelas feras que se alimentavam deles, alguns vermes dançavam em um regozijo alegre, alguns entravam ou saíam das cavidades e lacerações como se estivessem se divertindo. Parecia não haver muito tempo desde que os pobres se aventuraram levianamente pela última vez naquele território opressor e mortífero. Aqueles dois piratas eram diferentes, mostravam-se adaptados como os morcegos que às vezes avoavam por cima de suas cabeças assustados pela luz de invasores...

Após alguns poucos passos mais adentro da escuridão, avistaram um pequeno feixe de luz saindo da parede lateral incindindo inclinadamente sobre um objeto que aparentava ser uma cama. Ao se aproximarem, reconheceram que era um altar de sacrifícios que se encontrava em uma região mais elevada com escadas construídas nas duas laterais. Parece que haviam chegado no limite final da caverna cujas paredes estavam enfeitadas com vestígios de ornamentos de significado difícil de identificar. Havia ossos humanos espalhados ao redor daquela área. Verificaram o altar que consistia em uma tábua de pedra quadrangular sobre uma base quadrada, com linhas concavadas até as beiradas por onde, provavelmente, o sangue escorria e caía em uma outra concavidade do mesmo estilo, porém mais larga, no chão, rodeando o altar. Estavam diante de vestígios passados de costumes estranhos e desconhecidos, mas isso não tinha a menor importância. Empurraram a pedra retangular cuja área sobressaltava da base. Ela se moveu, caiu no chão e se espatifou em duas...

Finalmente encontraram o tesouro que tanto buscavam...





© 2022, Bosque da Sabedoria. Todos os direitos reservados.